

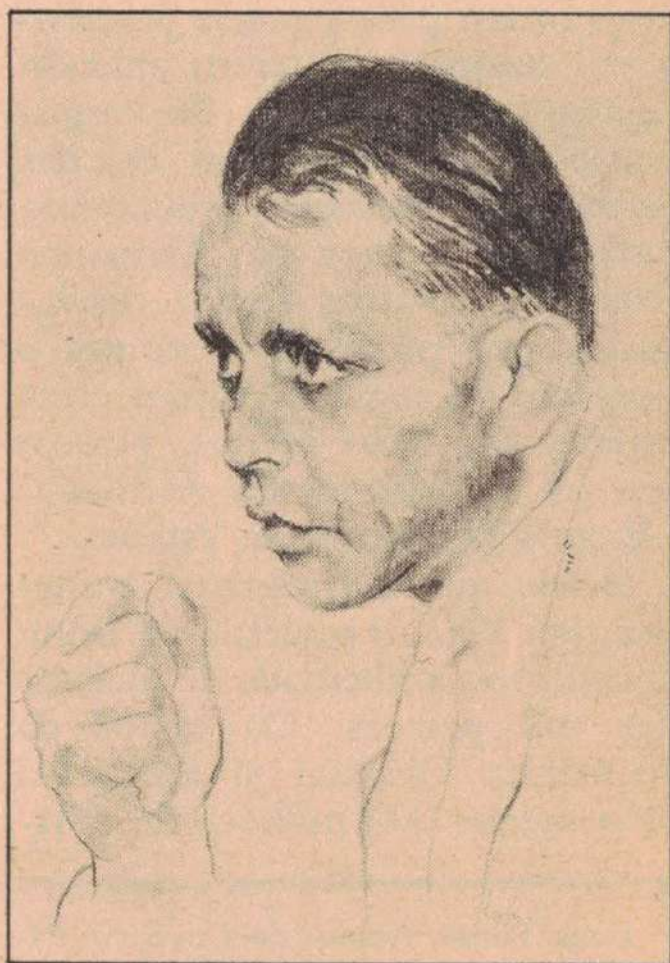
Alemanha Oriental: seres humanos à venda!

DAVID REED

Em transações altamente lucrativas, o elegante advogado Wolfgang Vogel já acompanhou mais de dez mil presos políticos das cadeias da Alemanha Oriental para a liberdade na Alemanha Ocidental

PRATICAMENTE todos os oito mil presos políticos da Alemanha Oriental já ouviram falar em Herr Doktor Vogel. Nas prisões, transmitem-se mensagens sobre ele, em código, batendo nas paredes das celas, ou drena-se a água das retretes a fim de sussurrar seu nome através dos canos. Wolfgang Vogel é advogado e, dizem, alto funcionário da S. S. D. (*Staatssicherheitsdienst*), a polícia secreta da Alemanha Oriental. É também a figura-chave num dos mais sujos negócios do mundo: Vogel vende presos políticos para a Alemanha Ocidental ao preço de 16 mil dólares aproximadamente por cabeça, ou ainda mais, se forem profissionais qualificados.

A República Democrática da Alemanha (designação oficial da



Wolfgang Vogel

Alemanha Oriental) está permanentemente precisando de marcos da Alemanha Ocidental e de outras moedas fortes para comprar petróleo e tecnologia ocidental. Como resultado, aquele país fará qualquer coisa em troca do todo-poderoso marco ocidental. Em 1975, num programa ultra-secreto, conhecido como *Kopfgeld* (dinheiro por cabeça), Vogel negociou o resgate pela Alemanha Ocidental de 1.158 presos políticos de ambos os sexos.

Para começar, a esmagadora maioria desses indivíduos nunca deveria ter sido presa, pois eles foram condenados por ofensas que só constituem crime na versão comunista de justiça. Dois terços deles foram para a cadeia por tentarem escapar, ou terem ajudado alguém a fugir através do vergonhoso Muro de Berlim ou das barreiras fronteiriças, procurando uma vida melhor na Alemanha Ocidental. Outros foram condenados por protestarem contra a opressão do regime. Alguns eram espões ou, pelo menos, pessoas que as autoridades da Alemanha Oriental consideraram espões.

Desde que o programa começou, em 1963, o governo de Bonn já comprou a liberdade de mais de dez mil pessoas. Os lucros da Alemanha Oriental já atingiram pelo menos 200 milhões de dóla-

res. Os funcionários da Alemanha Ocidental tentaram, com pouco sucesso, manter o programa em segredo, e muitos deles se recusam a falar sobre o assunto. A razão para isso é que sua participação no *Kopfgeld* sugere práticas de extorsão num mercado comunista de escravos em pleno século xx. Mas a Alemanha Ocidental não tem outra possibilidade senão pagar o preço exigido. Politicamente, o governo de Bonn estabeleceu há muito que a Alemanha é uma só nação, dividida em dois estados, e que sua responsabilidade se estende tanto aos alemães de leste como de oeste. Os sentimentos humanitários estão também na base das principais considerações: se Bonn não os resgatasse, esses presos iriam passar anos ou mesmo toda a vida na prisão. Assim, as igrejas, os partidos políticos e os sindicatos da Alemanha Ocidental dão todo o apoio a um ato que consideram repugnante, porém necessário.

Por seu lado, a Alemanha Oriental não foi o primeiro país comunista que vendeu ou tentou vender seres humanos. Depois da malograda invasão da Baía dos Porcos, em 1961, por exemplo, Fidel Castro vendeu 1.113 exilados cubanos capturados naquela praia por 53 milhões de dólares, em alimentos e equipamento médico fornecidos pelos Estados Unidos. Recentemente, o regime comunista da Polônia declarou sua intenção de permitir a emigração

Denis Fodor, redator do *Digest* em Paris, acompanhou David Reed à Alemanha Oriental para ajudá-lo a escrever este artigo.

para a Alemanha Ocidental de 125 mil de seus habitantes pertencentes à etnia alemã. O preço exigido por Varsóvia foi meio bilhão de dólares para cobrir as pensões pagas aos ex-cidadãos alemães desde 1945, mais 400 milhões em crédito financeiro.

Um amigo prestativo. Wolfgang Vogel, o principal corretor de vidas humanas da Alemanha Oriental, parece deslocado numa sociedade que se diz um «estado socialista de operários e camponeses». Ele é, na verdade, a cópia fiel de um desses arquétipos da demonologia comunista, o *playboy* capitalista decadente. Rechonchudo e cinquentão, usa ternos espalhafatosos de estilo ocidental, dirige um Mercedes e possui duas casas. Tal opulência é rara numa sociedade em que um operário de fábrica ganha apenas o equivalente a 360 dólares por mês, mas Vogel é um poderoso e prestativo amigo, quando certo tipo de trabalhos tem de ser feito pelo regime.

Uma das atividades paralelas de Vogel é a obtenção do resgate de espões soviéticos da K. G. B. das prisões ocidentais. Embora negue ser membro da S. S. D. da Alemanha Oriental, goza indiscutivelmente de relações privilegiadas dentro de ambas, a S. S. D. e sua congênere de Moscou. Em 1962, ajudou a negociar, em Berlim, a troca de Rudolf Abel (coronel da K. G. B., condenado por ter dirigido uma rede de espionagem na cidade de Nova York) por Francis Gary Powers, o

piloto do avião-espião U-2 abatido no espaço aéreo da União Soviética. Desde então, Vogel tem conseguido levar a bom termo trocas semelhantes de presos.

Não é com muita frequência que um homem importante da K. G. B. é apanhado. Se Vogel visse só desses casos, estaria comprando ternos proletários no supermercado Centrum, de Berlim Oriental. Para sua felicidade, porém, cada preso político da Alemanha Oriental é também um cliente em potencial. Eis como o sistema funciona: Várias entidades particulares da Alemanha Ocidental (igrejas, sindicatos, partidos políticos, parentes dos presos) levam os casos à atenção do ministro dos Assuntos Internos, em Bonn. Organizam-se listas. O ministério procura dar prioridade aos presos que são cidadãos da Alemanha Ocidental e aos alemães orientais que foram para a prisão por atos de consciência. Devido à repugnância pelo fato de se pagar o *Kopfgeld*, o ministério mantém-se afastado das transações concretas; as listas são enviadas para advogados particulares em Berlim Ocidental, os quais, «por sua própria iniciativa», as mostram a Vogel. O preço é discutido, e o negócio fechado.

Os presos choram. Com algumas semanas de intervalo, um ônibus entra na prisão em Karl-Marx-Stadt, na Alemanha Oriental, ponto de coleta do programa *Kopfgeld*. Cerca de 30 a 40 presos

recebem ordem de entrar no veículo, que, em seguida, se dirige à Alemanha Ocidental, através das pitorescas colinas da Turíngia. Vogel muitas vezes vem junto, conversando alegremente com os detidos, mostrando maneiras tão impecáveis como sua roupa. Na aldeia de Wartha, os presos avistam a fronteira, marcada por uma alta cerca de arame e torres de observação da altura de prédios de cinco andares. Alguns deles foram apanhados anos antes em lugares como esse, ao longo da linha divisória. «Não conversem nem escrevam sobre as suas experiências; isso colocaria em perigo a continuação deste programa», diz Vogel quando desce do ônibus. As barreiras para veículos são levantadas. Muitos dos presos choram, enquanto o ônibus entra lentamente na pequena cidade de Herleshausen, na Alemanha Ocidental.

Às vezes, Vogel transporta em seu Mercedes presos para o cruzamento da *Invalidenstrasse*, no Muro de Berlim. Os guardas reconhecem seu carro, perfilam-se e fazem continência ao advogado quando ele passa. Vogel entrega sua «encomenda» aos advogados que o esperam alguns quarteirões adiante em Berlim Ocidental, e volta à fortaleza totalitária que o recompensa tão bem pelos seus trabalhos.

Alguns presos estiveram detidos por tanto tempo que reaparecem como fantasmas do passado. Jür-

gen Kohl (não é seu nome real), sargento do exército alemão na Segunda Guerra Mundial, foi capturado pelos russos na Estônia quando tinha 30 anos. Tendo passado quatro anos e meio em campos de prisioneiros soviéticos, retornou a Gera, sua cidade natal, localizada agora na Alemanha Oriental. Depois de apenas dez meses em liberdade, pegou mais cinco anos de prisão por criticar o tratamento dado pelos russos aos prisioneiros de guerra alemães da Segunda Guerra Mundial.

Homem de fibra excepcionalmente forte, Kohl continuou a desafiar os comunistas na prisão, mantendo discussões políticas anticomunistas com os outros prisioneiros e sabotando a administração do presídio. Recebeu sentença de morte, que foi comutada para prisão perpétua. Os anos foram-se arrastando, e Kohl, com 52 anos, ficou parcialmente inválido devido a uma enfermidade pulmonar. Finalmente, foi levado para Karl-Marx-Stadt e metido num ônibus para Herleshausen. Um estranho se apresentou a ele. «Trabalhei um bocado para libertar você», disse Vogel enquanto o levava de carro.

Canal do ouro. O Muro de Berlim deu origem ao *Kopfgeld*. Quando o governo da Alemanha Oriental mandou construir o muro a fim de conter um desastroso êxodo populacional (cerca de 2,7 milhões de alemães orientais, ou seja, 16% da população de

1949, tinham fugido para o Ocidente), os que permaneceram na Alemanha Oriental viram-se subitamente apanhados numa armadilha. Muitas famílias ficaram divididas. O descontentamento foi intensificado pelo fato de que quase todos os habitantes da Alemanha Oriental tinham apenas de rodar o seletor de canais de seu aparelho de televisão para ver provas fascinantes da liberdade política e da riqueza existentes do lado ocidental.

Começaram desesperadas tentativas de fuga. As prisões logo ficaram cheias de pessoas cumprindo até cinco anos pela primeira tentativa, e até nove pela segunda. Em 1963, existiam nas cadeias da Alemanha Oriental 12 mil presos políticos. Foi quando Vogel apareceu. Através de advogados em Berlim Ocidental, anunciou que a Alemanha Oriental daria liberdade a dez presos... por dinheiro. Rainer Barzel, então ministro dos Assuntos Alemães (agora chamado ministro dos Assuntos Internos), ficou chocado com a notícia, mas, porque não houvesse alternativa, teve que concordar. Um experiente funcionário de seu ministério foi mandado a uma estação ferroviária em Berlim Oriental, com uma pasta contendo 100 mil marcos (cerca de 40 mil dólares atualmente). O funcionário entregou a pasta, e os dez presos foram postos em liberdade.

Depois que Erich Mende assumiu o cargo de ministro dos As-

suntos Internos, encontrou-se com Vogel em Berlim Ocidental, em 1964. Este ofereceu-se para libertar 600 presos por 12,8 milhões de dólares em alimentos e outras mercadorias como «indenizações pelos prejuízos causados ao Estado». A Alemanha Ocidental pagou. Pouco depois, chegaram a Helershausen os 600 presos.

O regime da Alemanha Oriental aperfeiçoou o Muro de Berlim a um ponto que, hoje, são raríssimos os que conseguem fugir através dele. Em 15 anos, desde que o muro foi construído, cerca de 40 mil alemães orientais foram presos por tentativa de fuga. Não obstante, a fonte mágica nunca seca. Logo que a Alemanha Ocidental compra presos políticos, a Alemanha Oriental preenche imediatamente com outros as vagas deixadas nas suas prisões. Em 1972, pouco antes da assinatura dos tratados entre as duas Alemanhas e a subsequente entrada da Alemanha Oriental nas Nações Unidas, o regime deste país pensou em melhorar sua deteriorada imagem, declarando uma anistia. Foram libertados aproximadamente seis mil presos políticos, ficando detidos apenas cerca de mil. Em um ano ou dois, já havia tantos presos como anteriormente.

Funcionando como canal condutor do ouro capitalista, Vogel granjeou a mais alta estima no seio do regime da Alemanha Oriental. Primeiro, foi agraciado com o título de doutor *honoris causa*. De-

pois, em 1975, Erich Honecker, secretário-geral do Partido Comunista da Alemanha Oriental, condecorou-o com uma das mais altas distinções do regime. Será que o carrancudo Honecker tem algum senso de humor? A condecoração é chamada «Ordem do Mérito da Pátria, de Ouro» [*geld*, em alemão].

Os alemães ocidentais continuam desgostosos quanto à desonesta chantagem do programa *Kopfgeld*. Muitos concordam com

o que diz Franz Josef Strauss, político veterano da Alemanha Ocidental que, como ex-ministro da Fazenda, autorizou os pagamentos do *Kopfgeld*: «Como você se sentiria sentado numa cadeia da Alemanha Oriental, completamente desamparado, com anos e anos, talvez uma vida de prisão para cumprir? Achei que era da minha responsabilidade ajudar essas pessoas, e não me arrependo de tê-lo feito. O dinheiro é recuperável, mas um homem só vive uma vez.»



ESTE requerimento, solicitando autorização para construção de uma casa, foi recebido na repartição de planejamento urbano de Salt Lake City.

Localização: Ladeira das Acácias, terceira acácia do lado oeste da rua.

Finalidade da construção: Lugar para os meninos brincarem, pois na rua é perigoso.

Materiais: Madeira do nosso velho galpão, que vai ter de ser demolido, mais dia menos dia.

Material para a escada: Galho a galho, já fornecidos pela árvore.

Material para o assoalho: Uma velha placa de madeira compensada — bastante resistente, por sinal.

É à prova d'água? Nos dias de sol... sim.

Sistema de iluminação: Luz solar, através das rachaduras das tábuas.

Instalações sanitárias: Em casa de papai e mamãe.

Requerente: Timmy Brown, que não pode brincar na rua, nem ver televisão durante o verão; que ainda não gosta de meninas, nem pode soltar papagaios por causa dos fios elétricos; que não tem cachorrinho nem coelhinhos; que ainda não tem idade suficiente para trabalhar e é muito novo para dirigir carro; que tem medo de andar de bicicleta; que não tem dinheiro para comprar um laboratório de química.

Por favor, defiram este requerimento antes que eu tenha idade suficiente para fazer outras coisas ou possa trabalhar e ter dinheiro para comprar outras diversões. Nessa ocasião, prometo demolir a casa.
Timmy Brown.